

O BRASIL E A PÓS-MODERNIDADE ·

Carmen Rial

Professora do Mestrado em Antropologia Social/CFH/UFSC

Não tive acesso ao texto da conferência, farei, portanto, sobre o que eu imaginei seria a palestra do professor Maffesoli. Espero que isso não seja tomado como leviano de minha parte e pouco respeitoso com uma obra tão polêmica e apaixonante. Ou seja, farei uma futurologia de uma possível teoria do presenteísmo; ou melhor, um exercício nostálgico da memória das coisas ditas pelo professor nos tempos em que era sua aluna, nos seminários das terças-feiras, na Sorbonne.

Mas, inicialmente, gostaria de sublinhar um aspecto das três palestras que ouvimos. Não há dúvida que nossos convidados compartilharam muitas idéias, a primeira parte de suas conferências se assemelham: há uma unanimidade diante do que consideram ser o esgotamento da Modernidade. Concorram também que a Modernidade foi um modo de civilização que se estendeu a todos os domínios da vida social, um sistema de valores que se opôs à tradição, quer dizer, a todas as culturas anteriores. Diante da **heterogeneidade** apresentada pelas culturas tradicionais, a Modernidade se afirmou como algo **homogêneo**, que se irradiou a partir do Ocidente. Cada época tem seu modo de representação, seu espírito do tempo, e seus mitos fundadores, nos diz Maffesoli. O modo de vida da Modernidade, articulado sobre a mudança e a inovação, sobre a idéia do progresso, de **projectum**, dá mostras evidentes de esgotamento. Esgotamento dos grandes discursos legitimadores da ciência e da política - os "grandes relatos", nos termos de Lyotard -, o esgotamento da razão, tida como guia para o progresso tecnológico, este visto como única via para a futura emancipação da humanidade.

Fim das grandes utopias. A utopia da "liberdade, igualdade e fraternidade" - o lema da revolução francesa - foi um alvo pousado no futuro tanto para a esquerda quanto para a direita. A esquerda tentou atingí-lo com uma mudança nas relações de produção; a direita procurou atingí-lo com uma sempre futura distribuição de riqueza.

Até aqui, nossos convidados andam juntos. A partir desse ponto é que se nota um distanciamento. Por exemplo, o professor Maffesoli nomeia o momento contemporâneo de pós-moderno - nossos convidados anteriores

* Comentário à palestra "Cessar de odiar o presente" de Michel Maffesoli

evitaram dar um nome. Baudrillard chegou mesmo a dizer que pós-moderno era um conceito chato, medíocre.

Pós-moderno para o professor Maffesoli, não é uma tendência que se possa delimitar cronologicamente, não é um conceito com leis, é um modo de operar que designa, antes, um estado de transição. Ele o compara, citando Umberto Eco, ao "maneirismo" e o entende como uma categoria meta-histórica: todas as épocas talvez tenham tido o seu pós-moderno.

A pós-modernidade de Maffesoli se volta para o presente.

Ao contrário dos que, mesmo sem nomear como tal, vêem a pós-modernidade como um momento de imobilismo, de submissão total das massas, a teoria de Maffesoli sublinha estratégias desconsideradas por esses intérpretes: a astúcia, a dissimulação, o silêncio.

Estratégias de um jogo duplo; de um jogo de cintura, diríamos no Brasil. De malandragens, de figuras com senso de humor; de coiotes, de tricksters, diriam nos Estados Unidos. Essas estratégias, cotidianas, invisíveis, são modos, paradoxais, de fazer política, elas favorecem a conservação coletiva e pessoal.

Os atores não são mais os **indivíduos** da Modernidade e sim as **tribos**, "pequenos grupos viscosos" no dizer de Maffesoli, ao qual os indivíduos aderem. A **identidade** não é uma categoria central na análise: as identidades são passageiras, transitórias, estão fragmentadas.

Duas lógicas concorrentes caracterizam a pós-modernidade: uma lógica prometeica, da racionalidade, do esforço, "do tempo é dinheiro", e uma lógica hedonista, da estética no sentido de estar aqui, juntos. A pós-modernidade é contraditória, algo que não se ultrapassa, que não leva a uma solução. Na Modernidade, os projetos todos (o projectum), eram de superação, por revoluções. O pós-moderno, ao contrário, é ao mesmo tempo. A **ambivalência** caracteriza a sociedade atual.

Eu gostaria, formulando uma questão propriamente dita, de provocar o professor Maffesoli e introduzir o Brasil. Um colega que me antecedeu nesse canto da mesa disse que no Brasil não temos raízes, não temos um passado ao qual recorrer para buscar elementos que constituam nossos mitos atuais. Eu não concordo com essa afirmação. Eu arriscaria dizer que o Brasil é talvez mais rico ainda do que a Europa em formas não-modernas. O projeto da Modernidade Ocidental encontrou aqui resistências muito profundas. Sua **homogeneidade** não realizou todas as reduções previstas. Somos um mosaico de tribos, cada uma com sua pequena ideologia: dos Yanomamis aos punks paulistas, dos alemães de Blumenau aos travestis e aos meninos de rua. E a pergunta que gostaria de ver respondida é essa: seria o Brasil, por isso mesmo, um cenário propício para se pensar a pós-modernidade? O Brasil que em tantas instâncias da vida social une arcaico e moderno, discursos homogêneos e heterogêneos, hierarquias e igualdades.

Não quero dizer com isso que não tenhamos vivido as ilusões das utopias da Modernidade - o modernismo, o ISEB, o cinema novo falam delas. O ódio ao presente, o desejo pelo futuro assumiu no Brasil a forma do "dia que vai nascer", "da manhã que nos espera", tão freqüentes na música popular. "Nada como um dia depois do outro", o gozo adiado. No entanto, se o Brasil já foi o eterno "país do futuro", para a direita, e já foi o país "da madrugada, do dia que virá" que anunciava a redenção para a esquerda, ele nunca deixou de ser, para as massas, o país que afirma o imediato. Não há futuro, apenas presente, nas três noites de carnaval. Não há razão mas invenção carnavalesca, excesso, "desordem vital". Mesmo que depois o arlequim vista a máscara do burocrata e reingresse "no tempo cronométrico de uma vida quantificável".

Por outro lado, nossas culturas operárias são plenas de exemplos do que Maffesoli chama do "não trabalho" no trabalho. Derrotas do Corinthians celebradas com um absentismo na segunda-feira, minando a produtividade da indústria; auto-demissões de cariocas que preferem perder o emprego a perder o desfile no Sambódromo... De resistências que se expressam não em uma luta política direta mas em samba ou em comportamentos silenciosos, "subterrâneos, intersticiais". Penso, por exemplo, nos movimentos separatistas do sul do país. Onde a política está mais presente? No movimento social explícito (e ridicularizado dos seguidores de Irto Marx) ou no silêncio dos gestos, nos atos invisíveis do dia-a-dia de grupos que se recusam os discursos identitários, homogêneos, do que é ser nacional e instauram um tribalismo que afirma a diferença?

No Brasil, até as manifestações políticas clássicas, como as passeatas, nos remetem à festa, como foi o caso recente do resgate de personagens do Boi-de-Mamão, a Maricota, etc, em Santa Catarina e como foi o caso dos caras-pintadas por todo o país.

O Brasil também é pleno de exemplos de um outro aspecto levantado pelo professor Maffesoli para caracterizar a pós-modernidade: o fascínio exercido pela imagem, da qual apenas os intelectuais suspeitam. Temos em uso no país mais aparelhos de televisão do que geladeiras. Somos um dos dez maiores mercados publicitários. Os "shoppings centers" nos atraem e convivem vizinhos das feiras semanais. Desnecessário sublinhar a importância da corporalidade, de uma sexualidade plástica, diria Giddens.

Gostaria que o professor Maffesoli comentasse o Brasil na pós-modernidade, e o creio perfeitamente à vontade para fazê-lo: ele, como poucos pensadores franceses contemporâneos, é um observador atento das ruas e das praias brasileiras, um *flâneur* como se auto-define nas suas incursões ao campo, ao terreno de pesquisa: nas reuniões esportivas, no frenesí das lojas, entre as multidões de turistas.

Ele certamente não terá a vontade que Baudrillard teve ontem à noite - e confessou com sinceridade - de dizer, quando perguntado sobre o Brasil: "olha, o problema não é meu..." Maffesoli é um conhecedor da antropologia brasileira, não apenas por orientar e ter orientado diversas teses de doutorado sobre o Brasil mas por transitar com facilidade pela obra de Gilberto Freyre, de Roberto da Matta, de Machado de Assis.

Minha segunda questão remete à globalização. Creio que a questão central na interação global é a tensão entre um movimento de homogeneização cultural e um movimento de heterogeneização. Muitos exemplos empíricos tem sido levantados para provar a tese da homogeneização planetária. O argumento se baseia na americanização do mundo. Maffesoli relaciona esse homogêneo ao aspecto quantificável da vida social, ao que se pode projetar, prever. Mas ele reserva um espaço para o imponderável, para o doméstico, que se deixa banhar no contexto local.

De fato, vemos o discurso do padrão global, da **mcdonaldização** do mundo se confrontar com manifestações de heterogeneidade. A globalização parece longe de comprovar a anunciada americanização do mundo. Se um sistema global esta emergindo ele, é repleto de ironias e resistências, de localismos.

Por fim, como antropóloga, creio que o sociólogo Maffesoli nos propõe o desafio de realizar etnografias densas que dêem conta dessas estratégias invisíveis do cotidiano, do presente. Vale lembrar que a Antropologia jamais se negou a pensar o presente. Esse é um dos traços que a diferenciam de outras disciplinas. Eu diria até, sob risco de soar atrevida, que talvez ela esteja mais preparada para "**pensar o real a partir do irreal**" (Weber) pois, como lembra Maffesoli, na ausência de grandes teorias, há que se apelar para o que Goffman chama de mini-conceitos, efêmeros como os objetos sobre os quais eles se debruçam.

...a palavra é sua, professor.